



JARDINS ARQUEOLÓGICOS: QUE HISTÓRIAS NOS CONTAM AS PAISAGENS?

Palavras-Chave: ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM, PATRIMÔNIO BIOCULTURAL, PAISAGEM CULTURAL

Autores:

AMANDA GABRIELLI SIQUEIRA GONÇALVES, E. E. PROFA. AUREA ANUNCIÇÃO AMÉRICO DE GODOI

JOELMA LOPES DA SILVA, E. E. PROFA. AUREA ANUNCIÇÃO AMÉRICO DE GODOI

KASSIA SUELLEN ALVES MOREIRA, E. E. ANTONIO CARLOS LEHMAN

VICTORIA ROCHA SAKIHAMA DE MENEZES, E. E. PROF. ANTONIO ALVES ARANHA

Profa. Dra. ALINE VIEIRA DE CARVALHO (orientadora), REIT - UNICAMP

Prof. Me. JOÃO PAULO SOARES SILVA (coorientador), NEPAM - UNICAMP

INTRODUÇÃO

A Arqueologia é uma disciplina crucial para a compreensão da história da nossa espécie, permitindo a apreciação da diversidade das culturas humanas e a valorização do patrimônio cultural (Funari, 2021). Ao estudar como as sociedades do passado lidaram com crises e mudanças ambientais, podemos aprender lições valiosas para enfrentar os desafios do nosso tempo e construir um futuro mais justo e sustentável (Diamond, 2020; Little, 2007).

A investigação arqueológica abrange diversos tipos de evidências materiais, e sua análise pode ser aplicada a elementos próximos do cotidiano, como os jardins. Frequentemente vistos apenas como espaços de lazer, os jardins são palimpsestos culturais que registram significados históricos e sociais (Miller, 1997; Najjar *et al.*, 2007). Eles preservam informações sobre organização social, crenças, práticas cotidianas e relações das sociedades com o meio ambiente ao longo do tempo (Pellini, 2014; Sá Carneiro, 2018).

Desde a antiguidade, os jardins têm refletido visões de mundo, valores culturais e a relação que o ser humano estabelece com a natureza. Em diversas culturas, a criação de jardins expressou uma forma simbólica de dominação sobre o meio natural, materializada na imposição de ordem estética e funcional sobre plantas, animais e solo (Francis; Hester, 1990; Miller, 2005). Essa perspectiva manifestou-se de maneira evidente nos padrões espaciais dos jardins formais — como os jardins barrocos — que foram projetados em forma geométrica para afirmar o controle humano sobre a natureza, na domesticação de espécies e no uso de técnicas de jardinagem sistemáticas, reforçando a

noção de que o homem deveria moldar a natureza conforme suas próprias necessidades simbólicas e sociais (Burton, 2019; Francis; Hester, 1990).

Como espaços de representação social e cultural, muitas vezes os jardins serviram para perpetuar ideias hegemônicas e valores dominantes, sendo a escolha de plantas exóticas, a construção de monumentos grandiosos e a utilização de elementos decorativos que simbolizavam poder e riqueza formas de afirmar a posição social e cultural das elites. Essa perspectiva, presente em muitos jardins históricos, nos convida a uma reflexão crítica sobre as relações de poder e as desigualdades sociais presentes nas sociedades do passado (Cosgrove, 1998).

Quando analisados como paisagens culturais, os jardins tornam-se espaços arqueológicos que revelam práticas de manejo ambiental, organização social e significados simbólicos. A Arqueologia da paisagem permite identificar padrões de ocupação e transformações desses espaços ao longo do tempo. É possível também analisar os materiais construtivos, as relações sociais e a cronologia dos jardins, identificando suas fases de uso e as transformações ocorridas ao longo do tempo (Trindade; Terra, 2014). Por fim, a arqueologia da paisagem pode promover a preservação e valorização do patrimônio arqueológico relacionado a jardins, através de ações de pesquisa, educação patrimonial e turismo cultural.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido a partir de um conjunto de atividades teóricas e práticas que possibilitaram aos alunos uma imersão na Arqueologia da Paisagem e sua aplicação à análise de jardins. Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico com leituras especializadas de livros, artigos e capítulos selecionados, incluindo obras de referência da Arqueologia. As leituras foram acompanhadas de discussões em grupo, mapas mentais, brainstormings de palavras-chave e a análise de documentários relacionados ao tema, permitindo a construção coletiva do referencial teórico.

Durante os encontros semanais no Laboratório de Arqueologia Pública (LAP/NEPAM), os alunos tiveram contato com pesquisadores de diferentes níveis e linhas de pesquisa, bem como com grupos de estudo. Essa vivência proporcionou a desmistificação de ideias pré-concebidas sobre a Arqueologia, permitindo compreender tanto sua dimensão teórica quanto a prática laboratorial. Também foi realizada uma visita ao acervo do LAP, possibilitando maior compreensão do trabalho desenvolvido por arqueólogos.

Paralelamente às atividades teóricas, desenvolveu-se a etapa prática, voltada à análise de jardins da UNICAMP como objetos de investigação (Miller, 2005; Najjar *et al.*, 2007). Foram selecionados: (1) os jardins do próprio NEPAM; (2) o Jardim Educativo do Instituto de Biologia (IB); (3) o Jardim Medicinal do Espaço Cultural Casa do Lago/Jardim-Escola de Saberes Populares, Científicos e Ancestrais; (4) o Jardim de Esculturas e Convivência do Instituto de Artes (IA); e (5) o Jardim e Casa dos Saberes Ancestrais da Faculdade de Educação (FE). O Jardim do NEPAM foi utilizado como jardim piloto, servindo como referência para o desenvolvimento das etapas subsequentes.

Os dados foram coletados por meio de observação direta, registros fotográficos, audiovisuais, desenhos e anotações em cadernos de campo. Essa documentação permitiu compreender os elementos paisagísticos, arquitetônicos e simbólicos presentes nos jardins, bem como identificar possíveis fases de construção, uso e abandono (Trindade; Terra, 2014). Além disso, buscou-se relacionar esses espaços à memória coletiva e aos processos históricos e sociais que os conformaram. A etapa prática incluiu ainda visitas guiadas pelos responsáveis e/ou idealizadores dos jardins supracitados, proporcionando uma visão aprofundada sobre a história e finalidade de cada espaço.

Por fim, os dados paisagísticos coletados foram analisados de forma coletiva, permitindo a articulação de novas discussões e saberes sobre os jardins estudados. Essa análise subsidiou a definição das estratégias de divulgação científica e valorização do patrimônio, que incluíram atividades de educação patrimonial e apresentações para a comunidade acadêmica (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos jardins selecionados revelou que esses espaços, apesar de suas especificidades em concepção, estética e função, compartilham um traço comum: operam como dispositivos de disseminação de saberes e de construção de memórias coletivas. O Jardim Educativo do Instituto de Biologia, o Jardim Medicinal do Espaço Cultural Casa do Lago e o Jardim e Casa dos Saberes Ancestrais da Faculdade de Educação¹ mostraram-se não apenas como ambientes vegetais, mas como palimpsestos que expressam diferentes temporalidades, narrativas e práticas culturais (Miller, 1997; Sá Carneiro, 2018).

Através da observação direta e do contato com os responsáveis pelos jardins, foi possível identificar elementos que apontam para uma revalorização de saberes tradicionalmente marginalizados. Os jardins em questão não apenas exibem espécies vegetais com finalidades alimentares, medicinais ou ornamentais, mas também incorporam práticas ancestrais de cultivo e manejo que dialogam com epistemologias indígenas e afro-brasileiras (Altieri, 2012; Cunha, 2009). O uso de plantas medicinais, os grafismos nos canteiros e a organização espacial dos jardins indicam formas de conhecimento transmitidas oralmente, por meio de narrativas, rezas e práticas cotidianas, conforme demonstrado em estudos sobre paisagens culturais e etnobotânica (Diegues, 2008; Posey, 1985).

Esses espaços atuam como ferramentas de resistência cultural, promovendo a visibilidade e a permanência de identidades coletivas dentro do contexto universitário. Alunos indígenas e de outras comunidades tradicionais relataram a importância simbólica dos jardins como espaços de reencontro com suas raízes e de afirmação identitária, alinhando-se a discussões contemporâneas sobre

¹ O Jardim de Esculturas e Convivência do Instituto de Artes (IA) ainda será visitado e a análise individual e comparativa integrará os resultados finais desta pesquisa.

decolonialidade e direito à memória (Mbembe, 2018; Mignolo; Walsh, 2018). Além disso, a presença desses jardins em espaços institucionais como a UNICAMP contribui para ampliar o conceito de patrimônio biocultural, deslocando-o de uma visão monumental e eurocêntrica para uma abordagem mais viva, situada e relacional (De Carvalho; Espejel, 2021; Smith, 2006).

Contudo, também foi constatada uma fragilidade institucional na valorização desses jardins, que muitas vezes carecem de suporte financeiro, técnico e de divulgação. A ausência de políticas institucionais específicas para manutenção e promoção desses espaços revela uma tensão entre as iniciativas autônomas e a estrutura universitária formal. Ainda assim, os jardins seguem sendo sustentados por redes de afeto, militância e pertencimento, constituindo-se como formas de patrimônio vivo (UNESCO, 2003).

A partir dessas observações, emergiu a compreensão de que os jardins funcionam como “tecnologias sociais” (Dagnino, 2004) que articulam práticas de cuidado, transmissão de saberes e enfrentamento das desigualdades. Eles se configuram como formas materiais e simbólicas de transformação do espaço e da relação com a natureza, o que se alinha com abordagens contemporâneas da arqueologia da paisagem e da ecologia histórica (Balée, 2006; Trindade; Terra, 2014).

CONCLUSÕES

Os resultados obtidos demonstram que os jardins analisados ultrapassam a função decorativa e se apresentam como paisagens culturais complexas, carregadas de significados históricos, simbólicos e sociais. Ao abordar esses espaços pela perspectiva da Arqueologia da Paisagem, a pesquisa possibilitou a valorização de memórias e saberes tradicionalmente invisibilizados, reforçando o papel transformador da Arqueologia Pública e da Educação Patrimonial.

A articulação entre teoria e prática, proporcionada pelas atividades de campo e pelos encontros no ambiente universitário, promoveu o desenvolvimento de competências críticas, metodológicas e sensíveis entre os participantes. O contato com os jardins e seus idealizadores revelou a potência desses espaços como ferramentas pedagógicas e políticas, capazes de provocar reflexões sobre pertencimento, diversidade cultural e justiça epistêmica.

A experiência demonstrou que, mesmo diante da escassez de recursos institucionais, os jardins resistem como lugares de afeto, cuidado e transformação. Reforça-se, assim, a necessidade de políticas públicas e institucionais que reconheçam e apoiem essas iniciativas, integrando-as às estratégias de preservação do patrimônio biocultural.

Como desdobramento, sugere-se o aprofundamento dos estudos sobre jardins universitários como objetos de pesquisa em arqueologia pública, patrimônio e antropologia ecológica. Além disso, recomenda-se a implementação de programas de extensão que articulem comunidades tradicionais,

estudantes e pesquisadores em ações de valorização de paisagens culturais, contribuindo para uma universidade mais plural, dialógica e comprometida com a memória viva de seus territórios.

BIBLIOGRAFIA

- ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- BALÉE, William. **Footprints of the Forest: Ka'apor Ethnobotany—The Historical Ecology of Plant Utilization by an Amazonian People**. New York: Columbia University Press, 2006.
- BURTON, Neel. **Why We Garden: The Psychology and Philosophy of Gardening**. [S.l.], 2019 (site autoral). Disponível em: <https://neelburton.com/2019/12/18/why-we-garden-the-psychology-and-philosophy-of-gardening/>. Acesso em: 24 jul. 2025.
- COSGROVE, Denis E. **Social formation and symbolic landscape**. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com Aspas e Outros Ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- DAGNINO, Renato. **Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.
- DE CARVALHO, Aline Vieira; ESPEJEL, Benjamin Ortiz. Patrimônio Biocultural: Un saludo de México. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 19, n. 1, p. 122-128, 2021.
- DIAMOND, Jared. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- DIEGUES, Antonio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- FRANCIS, Mark; HESTER, Randolph T. (Ed.). **The meaning of gardens: Idea, place, and action**. Mit Press, 1990.
- FUNARI, Pedro Paulo Azevedo. **Arqueologia**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- LITTLE, Barbara J. **Historical archaeology: Why the past matters**. London; New York: Routledge, 2007.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **On decoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- MILLER, Daniel. **Material culture and mass consumerism**. John Wiley & Sons, 1997.
- MILLER, Mara. Garden. In: HOROWITZ, Maryanne Cline (Ed.). **New Dictionary of the History of Ideas**. Vol. 2. Detroit: Charles Scribner's Sons, 2005. p. 857-865.
- NAJJAR, Rosana *et al.* A Arqueologia de um Jardim: pesquisa arqueológica do passeio público do Rio de Janeiro/RJ. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 455-479, 2007.
- PELLINI, José Roberto. O jardim secreto: sentidos, performance, memórias e narrativas. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 8, n. 1, p. 67-91, 2014.
- POSEY, Darrell Addison. Indigenous management of tropical forest ecosystems: the case of the Kayapo Indians of the Brazilian Amazon. **Agroforestry systems**, v. 3, n. 2, p. 139-158, 1985.
- SÁ CARNEIRO, Ana Rita. A interação paisagem/jardim na educação do olhar e na conservação do patrimônio. **Patrimônio e Memória**, v. 14, n. 1, p. 4-21, 2018.
- SMITH, Laurajane. **Uses of Heritage**. London: Routledge, 2006.
- TRINDADE, Jeanne; TERRA, Carlos Gonçalves (orgs.). **Arqueologia na paisagem: olhares sobre o jardim histórico**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014.
- UNESCO. **Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage**. Paris: UNESCO, 2003.